

# A história do continente africano na sua realidade e não na visão dos imaginários<sup>1</sup>

João Gomes<sup>2</sup>

## RESUMO

Este trabalho objetivou-se desenvolver o processo da verdadeira história do continente africano e procuramos analisar até que ponto foi dito que a África não tem sua história, em seguida buscando compreender a questão de processo de evolução de estudo africano. O trabalho tenta apresentar como os filósofos e historiadores do século passado compreendia a história do continente africano, e que as suas teorias não condizem nada daquilo que a África realmente é. Por isso o artigo traz novas concepções a fim de quebrar com paradigmas e trazer novas epistemologias. Além disso, o trabalho aborda alguns aspectos da questão pan-africana que foi uma ideologia criada pelos os intelectuais africanos e norte-americanos, e caribenhos no âmbito de unir os povos africanos, a fim de ter uma única forma de resolver as suas situações políticas, econômicas e culturas por eles próprios.

**Palavras chave:** África, história, pan-africanismo.

---

<sup>1</sup> Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo do Curso de Licenciatura em Sociologia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira, como requisito parcial à obtenção de título de Licenciado em Sociologia. Orientador: Prof. Dr. Ricardo Ossagô de Carvalho

<sup>2</sup> Licenciado em Sociologia - UNILAB

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como propósito fazer entender a história do continente africano na sua realidade e não na visão dos imaginários. Pois, esse trabalho iniciou-se a partir de uma leitura a respeito de história do continente africano. No entanto, o que me chamou atenção nesse trabalho é a negação da história africana por certos historiadores e filósofos dos séculos XVIII, XIX e início de XX. Os historiadores e filósofos dos séculos citados explicaram a história do continente Africano, não como ela é, mas sim como eles entenderam que deveriam ser explicadas. Valentin Yves Mudimbe (2013), no seu livro denominado “a invenção de África”, o referido autor entende que a história do continente Africano foi distorcida e que não convêm com a realidade africana, ou seja, como a África realmente é. Podemos perceber com este trabalho que a África sendo um dos cinco continentes do mundo, ela é uma das mais ricas regiões em recursos naturais tais como: ouro, petróleo, gás, carvão, madeiras, diamante etc..

Além da introdução e conclusão, este trabalho está dividido em três partes. Na primeira parte, procuramos trabalhar a questão da relação entre a história Africana e Europeia, de modo a demonstrar como a história da África é repassada, ou contada pelo ocidente, mas de maneira pejorativa. Com isso, compreendemos que é importante demonstrar que África é um continente que tem sua história, desde os tempos remotos e é formado por 54 países e suas diversidades culturais, religiosas. Já na segunda parte deste trabalho, abordamos sobre as questões relacionado a evolução do estudo africano, sobretudo a compreensão da sua história. Este estudo até certa época era controlado pelos europeus no seu computo geral, é isso que Hountondji, (2008), defende que as sociedades africanas devem, eles próprios, apropriar-se activa, lúcida e responsabilmente do conhecimento sobre elas capitalizado durante séculos. Por último fizemos uma contextualização acerca do pan-africanismo na história da África. Parece-nos importante trazer essa contextualização pan-africana e sua influência no processo de libertação dos países que estavam sob o jugo colonial. Visto deste anglo, o pan-africanismo foi um dos grandes precursores sobre essa libertação, lembrando que, de acordo com Adem e David (2010, p.897) “o pan-africanismo como movimento de libertação, quanto a ele, alcançou o seu apogeu nos primeiros dez anos posteriores à conquista da independência pela África”. Então o que se pode observar é que o pan-africanismo e a África propriamente dita têm uma história e seus defensores que uniram por um objetivo em comum.

O objetivo central deste trabalho, se enquadra em explicar a verdadeira história do continente africano, não como ela foi contada. No qual tentamos desmistificar certas ideias que compõe a falsa história do mesmo continente, de certo modo para alguns autores, revelam que a “África é um continente sem a história”. De acordo com (HUGO Apud FOÉ, 2013, p.178), mostrando que “A Ásia, América e Austrália tem suas histórias próprias, já que a África é um

continente sem história”. Com essa afirmação, constatamos que é importante repensar a história do continente africano na sua própria realidade, de modo que autor apontou na citação acima de que outros países têm as suas histórias e porque que os países que fazem parte de continente africano não têm suas histórias, ou seja, continente africano? Já que todo o continente do mundo tem a suas histórias, por que que a África não tem? Com esta ideia no entendimento de alguns autores mostrando de que a história africana deve ser explicada pelos próprios africanos, a fim de desenvolver e exercitar o conceito de racionalidade real para a sua sociedade como também para exterior. Ainda com este trabalho podemos perceber a relação da história africana e Europeia, que sempre os ocidentes se colocam a realidade africana numa perspectiva da negatividade que não pertence real história do próprio continente. Este artigo objetiva analisar até que ponto foi dito que a África não tem história, buscando compreender a questão de processo de evolução de estudo africano, com isso busca compreender a verdadeira história africana e trazer novas epistemologias e quebras de paradigmas.

Em primeiro lugar, podemos perceber que os povos africanos, eram controlados pelas colônias europeias; posto isso, o artigo nos leva a compreender que as ideologias criadas foram uma luta de tornar a África pelos próprios africanos a fim de definirem seus destinos.

## **2 A relação de história africana e a Europa**

Ao abordar sobre este processo percebemos que é fundamental, por isso persistimos sobre essa história de continente Africano com a Europa, durante a nossa pesquisa, entendemos que na preceção dos ocidentais, a história da África sempre se enquadra num olhar negativo, na concepção de alguns autores, que escreveram a história da África sempre alegam de que é um continente sem a história, mas que nao é uma realidade africana porque este continente tem a sua história desde muito tempo. Segundo Ali A. Mazrui (2010, p.10), “mas qual foi o efeito inverso, aquele que a Africa produziu sobre o Ocidente? Ao combater pela sua propria indepêndencia, a Africa contribuiu também para modificar o curso da história europeia e, inclusive, mundial.” E porque da negação de história afircana pelo contrario este continentre contribui muito no desenvolvimento de ocidente. Mesmo com este afirmação ainda existe uma visão negativa a respeito da história de África, demostram os seguintes pontos: que é um continente onde existem os homens selvagens, e não civilizados! Além disso, de uma forma geral, apontam que a África é um continente onde existe a pobreza, doença, e não tem espaços políticos e nem liberdade. Quando eles estão a debater a situação do continente africano nesssa prespetiva. As pessoas, de modo geral, posivelmente poderão ter uma visão destorcida do que existe na África.

Com este facto podemos entender que não é segredo que o grande dano da história africana é marcado pelo tráfico dos escravos e a colonização. Os primeiros europeus que chegaram a África foram os portugueses, no final do século XV. Pouco tempo depois, britânicos, holandeses e franceses também alçaram cidades e centros comerciais no continente. Uma das estratégias que eles utilizaram para dominio dos povos africanos foi a igreja como uma forma facilitadora que vai mudar a civilização africana para obtenção da educação

européia, mas utilizam estas estratégias para o comércio dos escravos. Sousa (1997) salientou que a história do comércio de escravos esteve na origem da riqueza e do capitalismo na Europa e destruiu as civilizações e culturas superiores desenvolvidas em África.

No argumento de Oliveira, (2003, p.39) afirma-se que “na América falamos em África todos se lembram logo da escravidão e exploração impostas aos africanos pelos europeus.” Com este facto, constatamos que é interessante desconstruirmos a falsa história africana, já que alguns autores demonstram que o continente africano não tem sua história e porque que preexistem a dizer que é um território onde existem os homens selvagens, até se este fato era uma realidade é fundamental neste caso dizer que este continente tem sua história. Se verificarmos da melhor maneira podemos entender com essa concepção que existem os grandes imaginários coletivos a volta de uma realidade africana. Na base de argumento, Hegel, 2009 apud, Nkolo Foé 2013, (p.178), apontou que,

Aquele que quer conhecer as manifestações assustadoras da natureza humana pode encontrá-las na África [esse continente] do homem em estado bruto [...] no estado de selvageria e de barbárie [e onde] todos os homens são feiticeiros.

Desse modo podemos perceber na citação acima que a grande problema na explicação de história do continente africano, constatamos de que pela parte dos intelectuais europeus, existe uma visão desconhecida acerca de história africana de um sentido pejorativo, ou seja, preconceituoso.

Na visão de outros pensadores abordam de que “África é berço da humanidade”. Com esta ideia percebemos que é importante pensarmos sobre o dano histórico do continente africano no sentido de selvageria, fome entre outros. Foé (2013, p.178) destacou que, “ora, Hugo define a África com uma palavra severa: a África é um continente sem história! Ele diz mais precisamente: A Ásia tem sua história, a América tem sua história, a Austrália ela própria tem sua história; a África não tem história”. Com esse conceito, dá para pensarmos sobre esse processo de dano histórico da África de modo a países com sua história, por isso, persistimos com este problema a fim de entender por que que os países que fazem parte do continente africano não têm sua história? Nessa perspectiva podemos compreender que, a história do continente africano é mais contada pelos europeus e não pelos africanos, e por que que não é contado pelos próprios africanos? A fim de explicar sua própria realidade e fazer os imaginários se entender o que é a África.

Segundo Cortez, (2011, p. 6) “a África ofereceu e continua oferecendo a rica contribuição para a história do mundo”. Isso nos leva a entender que este continente tem valor significativa para nossa sociedade, porque este continente tem grandes fontes de recursos naturais necessários.

De acordo com Foé (2013, p.178) “entre Hegel e Hugo existe uma diferença importante. Hegel conta a história do mundo, enquanto Hugo tenta inventar novos mundos. Então, Hugo zomba dos covardes, que acreditam que ver a África é ser cegado”. Ainda no argumento, Foé (2013) mostrando de que “Desde cinco séculos de fato, os dois continentes vizinhos só parecem dialogar

sobre o modo da violência e da opressão, do insulto e da estigmatização, do ódio e do desprezo”. Com essa perspectiva, para mencionar o autor o autor aponta que,

O drama da África é que o homem africano não entrou totalmente na história. O camponês africano, que desde milhares de anos vive conforme as estações, cujo ideal de vida é estar em harmonia com a natureza, só conhece o eterno recomeço do tempo ritmado pela repetição sem fim dos mesmos gestos e das mesmas palavras (FOÉ 2013, p.177).

De acordo com Foé (2013), ressaltou que é importante ter uma visão real sobre a história do continente africano, e não história do imaginário, idealizado, no entendimento do (HEGEL, 2009, p.226 apud FOÉ, 2013 p.179), mostrando que, “então, para Hegel, a Europa não tem nenhum interesse em dialogar com esse continente do assustador e sem futuro, “África portentosa”. Nesta perspectiva, dá para entendermos que ainda vem existindo uma prática de silenciamento, até de ignorância da história africana. Se vejamos bem sobre este processo alguns autores refletiram para o resto do mundo, que o povo africano não forneceu de uma forma determinada para a composição do saber universal. Segundo Foé , 2013 destacando de que,

[...] a África é importante para o universo, pois tal supressão de movimento e de circulação é um entrave para a vida universal, e o desenvolvimento humano não pode se acomodar mais muito tempo porque um quinto do globo está paralisado, e é bom que esse universo que assustava os romanos atraísse os franceses (FOÉ 2013, p. 17)

Baseando neste fato só para entendemos de melhor forma, a história brasileira não tem como apagar a história terrível de escravização de vários povos africanos. No entanto, há um universo histórico de edificação do país, das culturas, da linguagem, da brasilidade que é tão africana, mesmo que não haja consciência disso. Ao entender do Foé (2013, p.178), demonstra de que essa fricção entre europeu e africano, primeiramente, é a marca do diálogo entre os dois. “Hugo apresenta de fato o Mediterrâneo como um lago de civilização.”

### **3 Evolução do estudo africano para compreender história da África**

Nessa parte, procuramos discutir o processo de estudo africano que tem como a importância de conhecer mais realidade africana, e a sua história realmente como é dita. Não na visão de história elaborado pelo ocidente de certa forma abordam que os africanos são preguiçosos entre outras histórias.

Com essa ideia produzida pelos pesquisadores europeus de certa época pode-se ver que distorceram o processo de estudo africano. Segundo Ferreira (2010, p.80), “A *School of Oriental and African Studies* um dos principais meios acadêmicos ingleses de estudos sobre a África foi estabelecida sob os auspícios do colonialismo inglês”. Ainda para Ferreira (2010, p.80), “muitas vezes os temas abordados privilegiavam grupos subalternos, e alguns dos intelectuais que escreveram tais histórias tiveram participação nas lutas de libertação africana.” Dessa mesma forma sobre produção de conhecimento da história. Os próprios africanos depois da independência queriam que história



fosse explicada pelos africanos. No sentido de demonstrar a verdadeira realidade do continente africano sendo assim:

Paulin Hountondji (2008) destacou que,

Mesmo quando publicamos em África, a verdade é que as próprias Revistas acadêmicas africanas são mais lidas fora do que dentro de África. Neste sentido, a nossa atividade científica é extravertida, ou seja, orientada para o exterior, destinada a ir ao encontro das necessidades teóricas dos nossos parceiros ocidentais e a responder às perguntas por eles colocadas (HOUNTONDJI, 2008, p.157)

De acordo com a citação acima, da para entendemos que também a história de África é mais lida no exterior, com este fato podemos compreender que a história africana é mais contada pelos do ocidente. Segundo Ferreira (2010, p.74) o papel de “Centro de Estudos Africanos é reivindicar o papel da ciência e do conhecimento na produção de políticas públicas”. De certo modo podemos entender que o processo de estudo africano tem a ver com vários processos que leva os intelectuais se interessarem sobre o processo da evolução de estudo africano, se verificamos de certa forma até hoje por uma longa tradição intelectual, faz parte de um plano compreensivo de acumulação de um saber iniciado e controlado pelo ocidente. Ainda com este trabalho podemos perceber que as sociedades africanas devem apropriar-se ativa, e responsavelmente do conhecimento sobre a realidade africana.

O problema da África sempre traz uma representatividade muito forte em todos os tempos históricos. Segundo, Ferreira (2010), afirma que: “em 2003, o governo brasileiro estabeleceu a obrigatoriedade do ensino de História da África em todos os níveis educacionais brasileiros”. No entender de autor,

A recente experiência brasileira na institucionalização dos Estudos Africanos tem paralelos com os caminhos trilhados em outra nação das Américas com fortes vínculos africanos: os Estados Unidos. Tanto no Brasil quanto lá, tais vínculos são realçados pela existência de milhões de afrodescendentes. Nos dois países, gerações de intelectuais se dedicaram ao estudo da África fora do âmbito acadêmico e antes mesmo de os Estudos Africanos se tornarem parte dos currículos escolares. Ao contrário dos Estados Unidos, no entanto, onde os Estudos Africanos tiveram desde o início caráter fortemente interdisciplinares, a história da diáspora africana ocupa papel primordial na experiência brasileira (FERREIRA, 2010, p.74).

Com esse conceito destacado pelo autor, podemos perceber que a distinção semelha de diminuir uma das articulações mais marcantes, constatamos também que recentemente os estudos da diáspora africana foram inteiramente juntados ao campo dos estudos africanos. Quando iniciamos trabalhar essa temática logo preocupamos objetivar esse assunto de uma forma clara. Ainda no embasamento de Ferreira (2010), destacando que “em 1996, existiam cerca de mil doutorandos em Estudos Africanos”. Isso dá para entendermos que o processo de produção de história africana tem um maior número dos pesquisadores. A fim de deixar real história do continente africano.

Roquinaldo Ferreira (2010) aponta que,

A primeira etapa foi marcada pela fundação dos primeiros programas de Estudos Africanos – na *Northwestern University*,

em 1948, e na *Boston University*, em 1954. Essa primeira fase se estenderia até 1958 e resultaria na criação de mais dez programas de Estudos Africanos (FERREIRA, p.75, 2010).

Ainda na mesma concepção, Ferreira, (2010), salientou sobre o processo de estudo africano em dois contextos onde apontou que a primeira “os princípios de programas”. E enquanto na segunda tratar-se sobre “processo de institucionalização dos Estudos Africanos que se iniciou na década de 1960 e resultaria na criação de programas de pós-graduação em várias outras universidades”. De acordo com Hountondji (2008, p.150) “os chamados estudos africanos não só se baseiam em metodologias e teorias que se concretizaram em vários campos como a história geral, a sociologia, a linguística, a economia, a ciência política, etc”. Nessa perspectiva para autor:

[...] A África enquanto novo campo de estudo, como é, de resto, comum, em instituições acadêmicas e de investigação, encontrar esta matéria associada a outras disciplinas, como sejam a matemática, a física, a informática, a biologia, a química, a geologia, a gestão e administração, a filosofia ou a engenharia. (HOUNTONDJI, 2008, p.150)

Com esta perspectiva, podemos perceber que, é importante ter uma visão larga dos estudos do continente africano, mas pelo contrário a história africana é contada de outra forma diferente com a realidade africana. Nesse sentido, segundo o autor,

Pode dizer-se que este modo de fazer investigação promove uma atividade científica autónoma e autoconfiante. Em contrapartida, receio bem que o modo como fazemos investigação em África seja exactamente o oposto disso. As mais das vezes, tendemos a investigar temas que são do interesse, antes de mais, de um público ocidental. A maioria dos nossos artigos é publicada em revistas científicas sediadas fora de África, destinando-se, portanto, a leitores não-africanos (HOUNTONDJI 2008, p.157).

Na base desse entendimento percebemos que é importante debater a questão de estudos africanos e como também produzir os trabalhos que poderão contribuir bastante numa perspectiva da história real de África, de modo que alguns autores mostram que o continente africano, realmente tem sua história de igual forma com os outros continentes.

#### **4 Contextualizando pan-africanismo na história da África**

Nessa sessão, procuramos trabalhar o processo de pan-africanismo, de modo a entender que é um dos movimentos que tem como proposta de unificar os países africanos numa só voz e tornar a África para os africanos, não dos colonos, este conceito de unir os povos africanos surgiu a partir da luta de libertação do território africano. Para Fanon, (2008, p.83), “[...] à situação colonial, chegou a uma compreensão, infelizmente exaustiva demais, dos fenômenos psicológicos que regem as relações nativo colonizador.” Ainda para Fanon (2018, p. 90), ao dizer de que “um branco, nas colônias, nunca se sentiu

inferior ao qualquer que seja”, com essa ideia, podemos perceber que é um dos pontos principais à revolta de uma luta contra os colonizadores. Para que tudo passasse ser controlado pelos dirigentes africanos. Não só nesse sentido, mas para demonstrar que os africanos sejam capazes de fazer as coisas por si só. Porque na época da colonização na maioria era controlado pelos colonizadores.

Segundo Edem Kodjo e David Chanaiwa, (2010, p. 886), “o pan-africanismo nasceu no novo mundo, nos séculos XVIII e XIX, em favor da luta dos negros pela libertação, contra a dominação e a exploração dos brancos”. Com essa ideia da para percebemos que este movimento é de grande luta, com objetivo de libertar a África. Argumentando ainda na base da ideia do mesmo autor, afirmou de que, no próprio continente africano o pan-africanismo é como a luta de libertação para mudança em África.

Constatamos que o maior movimento a respeito de pan-africanismo é de acabar com estranha situação que tinha acontecido no continente africano, na época de colonização de uma forma esforçada e brutal. Segundo Edem Kodjo e David Chanaiwa. Destacaram que,

A exploração colonial estava, portanto, fundada sobre as mais simples práticas, entretanto, as mais duras, relativas ao trabalho forçado, a taxação obrigatória da produção agrícola e a venda, para a África do Sul, de contratos de trabalhadores migrantes (KODJO e CHANAIWA. 2010 p.73).

De acordo com essa citação, da para nos entendermos que são umas das razões principais por parte de alguns intelectuais africanos, na procura de uma solução melhor de fazer a “África para africanos”, se fomos ver até hoje esta situação se permaneceu ainda a colonização, de uma forma que não da para todo mundo se perceberem. Com isso, e por que que os líderes africanos não podem se juntar até então para acabar com essa situação?

Durante esta pesquisa, percebemos que os intelectuais africanos, escreveram uma carta para os colonizadores, ao ponto de encontrar uma solução para África, constatamos de que é importante esta declaração, porque fez com que os líderes africanos se comuniquem formalmente com as potências europeias, e percebemos que a proposta enviada tem como objetivo central busca da liberdade e a independência.

Compreendemos também que a carta é destinada com uma intenção de definir uma ética política no que diz respeito de igualdade entre os países que compõem o continente africano. Ao longo da nossa leitura sobre este processo, entendemos que intenção maior dos colonizadores é de continuar a governar a África pela força.

Segundo Edem Kodjo e David Chanaiwa (2010, p.889), “o fato da luta pela independência política ser somente a primeira etapa e o meio para se atingir a completa emancipação nas esferas econômica, cultural e psicológica.”

Com essa ideia podemos perceber o processo de pan-africanismo é de combater um dos grandes problemas que pode deixar com que os europeus continuem a fazer uma exploração no território africano em várias sentido,



como podemos ver: cultural, econômica, política entre os outros fatores que pode deixar a África num lento processo de desenvolvimento territorial. Enquanto que Barbosa (2008, p.1) vai nos mostrar de que “A primeira geração de ativistas que construiu as bases do Pan-africanismo, na segunda metade do século XIX, era formada por intelectuais de tradição ocidental”.

A ideologia feita sobre o pan-africanismo tem uma grande importância na busca de união pelo continente africano. Segundo (NKRUMAH, apud KODJO e CHANAIWA, 2010, p.900). Destacou que “Na história do pan-africanismo, como movimento de libertação, no período entre 1950-1965 [...] mobilizou, em favor da causa pan-africana, os dirigentes africanos dos movimentos de libertação e dos Estados independentes.” Com essa citação dá para percebermos que a organização de união africana tem um papel fundamental de fazer o continente africano para os africanos que o poder seja controlado pelos próprios povos, não pelos colonizadores.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste artigo, procuramos demonstrar a verdadeira história do continente africano na sua realidade. Consideramos que ao longo da nossa leitura compreendemos que a história da África, precisa ser estudada em todas as esferas, ou seja, áreas no campo de ciências humanas. E temos a preocupação de que ela merece um estudo especial pelos intelectuais africanos a fim de conseguir dismantlar os conceitos produzidos ao longo dos séculos. Por outro lado, percebemos que nós africanos devemos tomar protagonistas de rescrever a nossa história, e para que nosso líderes tomem a responsabilidade de apoiar nas pesquisas, palestras quando o assunto é africano, porque só assim sairemos nesse abismo da dependência dos outros e quando tem a possibilidade de fazer.

Ainda se considera que o artigo demonstra problemas de África e visões que os filósofos e historiadores ocidentais dos séculos passados tinham sobre os africanos; e por outro lado, traz debate sobre estudos africanos e pan-africanismo e sua relação com história de África. O trabalho também tece debate e quebras de paradigmas de alguns conceitos produzidos sobre África, não pelos africanos dentro de África.

Pode-se entender o quanto foi importante e instigante o trabalho que fizemos para contribuir de uma forma direta ou indiretamente na mudança de falsa história do continente africano. Durante todo percurso entendemos que é fundamental os pensadores africanos se posicionam de uma forma dura na mudança de real história africana. E mostram grandes influências que continente africano tem para mundo, de modo que alguns pensadores se elencaram, de um modo geral, compreendemos que é importante desconstruirmos e quebrarmos muitas histórias que se perpetuam ao longo do século que África não tem a sua história.

Ainda constatamos que o nosso trabalho, modestamente, permitirá contribuir na abordagem do assunto de uma forma certa demonstrar qual é a história verdadeira da África. Como também vai poder ajudar em algumas reflexões



sobre África porque realmente é um espaço que tem história e suas diversidades.

Esperemos que este artigo conseguiu atingir um dos seus propósitos na qual o tema propõe discutir, ou seja, esperemos que consigamos facilitar o leitor no melhor possível entendimento sobre o referido assunto.

## REFERENCIAS

- MAZRUI, Ali A.; WONDJI (ed., Christophe (ed. assist.)). **História geral da África, VIII: África desde 1935**. Brasília: UNESCO, 2010.
- BARBOSA, Muryatan. Eurocentrismo, História e História da África. **Revista Sankofa: história da África e Estudos da Diáspora Africana**, n. 1, jun. 2008.
- CORTEZ, Jose Xavier. Apresentação. *In*: AJAYI, J.F. Ade (ed.). **História geral da África, VI**. São Paulo: Brasília: UNESCO, 2011. P.VII-VIII
- FERREIRA, Roquinaldo. A institucionalização dos Estudos Africanos nos Estados Unidos: advento, consolidação e transformações. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 30, n. 59, p. 73-90, 2010.
- FOÉ, Nkolo. África em diálogo, África em autoquestionamento: universalismo ou provincialismo? “Acomodação de Atlanta” ou iniciativa histórica? **Educar em Revista**, Curitiba, PR, n. 47, p. 175-228, jan./mar. 2013. Editora UFPR.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.
- HOUNTONDJI, Paulin. Conhecimento de África, conhecimento de Africanos: duas perspectivas sobre os estudos africanos. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 80, março, 2008. p. 149-160.
- KODJO, Edem; CHANAIWA David. Pan--africanismo e libertação. *In*: MAZRUI, Ali A.; WONDJI (ed., Christophe (ed. assist.)). **História geral da África, VIII: África desde 1935**. Brasília: UNESCO, 2010. p 897-924.
- MUDIMBE, Valentin Yves. **A invenção de África: gnose, filosofia e a ordem do conhecimento**. Mangualde (Portugal), Luanda: Edições Pedagogo; Edições Mulemba, 2013.
- OLIVA, Anderson Ribeiro. A história da África nos bancos escolares: representações e imprecisões na literatura didática. **Revista Estudos Afro-Asiáticos**, ano 25, n. 3, set./dez. 2003. p.421-462.
- SOUSA, Mario. **Comercio de escravos e racismo: berço do capitalismo**. Disponível em:  
<http://www.mariosousa.se/Para%20a%20hist%C3%B3ria%20do%20comercio%20de%20escravos%20europeu%20de%20%C3%81frica>. Acesso em 17 nov. 2015.